

LITERATURA BRASILEIRA E NEGRITUDE: AUTORES E PERSONAGENS NEGROS

Entre a invenção e o pragmatismo: uma análise do conto “O diplomático”

Fernando Rodrigues da Costa

O conto machadiano selecionado para esta comunicação é intitulado “O diplomático”, ele foi primeiramente publicado em 29 de outubro de 1884 na Gazeta de Notícias. Sabe-se que de tempos em tempos Machado de Assis fazia uma seleção das narrativas para posteriormente publicá-las em livro. Em 1896 o autor recolheu e publicou algumas delas no livro *Várias Histórias*, “O diplomático” consta entre o décimo dos dezesseis contos presentes na obra. Desde a juventude, Machado de Assis escreveu crônicas, poesias, peças de teatro, traduções, contos e romances, entretanto, a crítica tende a considerar os grandes feitos do escritor nestes dois últimos gêneros. Tanto a duração quanto a forma, tema ou construção de efeito sempre estiveram no cerne da discussão do gênero conto. O escritor norte-americano Edgar Allan Poe (1809-1849) em seus ensaios “Review of Hawthorne’s Twice-Told Tales” (1842) e “Poetic Principle” (1850) já trabalhava estas proposições. Poe destaca, por exemplo, que o conto, diferentemente da forma romance, pode ser lido “numa única assentada”, isto é, não teríamos o desenvolvimento por partes suscitado pelas narrativas mais longas. A produção de efeito torna-se algo extremamente relevante para Poe, sobretudo no contexto de produção das histórias de terror em que o autor estava inserido. Como se sabe, Machado de Assis experimentará diferentes facetas desse gênero, inclusive observando as reflexões propostas por Edgar Allan Poe e citando o autor em seus textos críticos e advertências ao leitor. Nesta análise do conto “O diplomático”, procuramos destacar não apenas os aspectos narrativos e de construção textual, como também as relações dessa história com tantas outras escritas pelo autor brasileiro. Percebe-se que Machado tende a recuperar aspectos já trabalhados anteriormente, como, por exemplo, a disputa vista no conto “O machete” (1878), no qual Inácio e Barbosa podem simbolizar tanto o violoncelo e o machete, quanto o erudito e o popular. No âmbito mais profundo desta análise, perceberemos que esses dois caminhos resultaram posteriormente em uma espécie de convergência, quando Machado escreve as *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (1880) e na advertência traz a voz narrativa que exhibe as reflexões sobre o grave e o frívolo. Conforme veremos, no conto “O diplomático” esta relação aparece novamente simbolizada pela disputa entre os personagens Rangel e Queirós em torno da figura de Joaninha. No entanto, o narrador fará uso do discurso indireto livre e o leitor ficará muito mais próximo das impressões e pensamentos do protagonista Rangel. Este, porém, não consegue realizar-se no plano pragmático, todas as ações ocorrem pela imaginação do personagem que não pode concretizar seus diversos

planos e pretensões. Aqui teremos também um caminho de análise para a figura do Conselheiro Aires, personagem que em *Memorial de Aires* (1908), último romance de Machado, não contará com um narrador externo, mas será ele próprio quem manterá o controle e articulação da história escrita em forma de diário. Desse modo, nota-se que o elemento que no conto funciona como adjetivo, no romance seria a própria profissão ou mesmo definição de Aires, ou seja, um diplomata aposentado, discreto e reservado que retorna ao Brasil para observar as vidas alheias e viver os últimos anos de vida. Machado insere nesse personagem-narrador uma série de contradições e complexidades, mas que no caso do conto “O diplomático” aparecem de modo mais evidente por estarem introjetadas em personagens que sugerem diferentes tipos de oposições.